

VARIAÇÃO E MUDANÇA LEXICAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO DO SÉCULO XX: UM ESTUDO DESCRITIVO-COMPARATIVO

JULIANA BERTUCCI BARBOSA*

TALITA DE CÁSSIA MARINE**

RESUMO

Neste artigo, analisaremos os processos de ampliação lexical relacionados à recontextualização e à reutilização de palavras. Para tal, selecionamos 50 nomes de animais em PB e as consultamos em dois dicionários, sendo extraídas apenas as definições com sentido conotativo relacionadas a atributos e a ações humanas. Por meio desse estudo, confirmamos alguns princípios linguísticos praticamente consensuais, dos quais destacamos o fenômeno polissêmico como um dos fatores que mais contribuem para a economia do sistema linguístico.

PALAVRAS-CHAVE: Léxico, variação e mudança linguística, polissemia.

“O léxico de todas as línguas vivas é essencialmente móvel: palavras surgem e palavras desaparecem, perdem significações antigas e adquirem novas. Filha do homem, a palavra reflete-lhe o destino: como ele, nasce, vive, transforma-se, adocece, morre e, até, ressuscita”. (PEREIRA, 1932, p. 188)

PALAVRAS INICIAIS

As línguas existem para que possamos nos comunicar uns com os outros. O objeto de nossa comunicação é o mundo, mais precisamente nosso mundo: coisas, pessoas, lugares, ideias etc. e suas relações, sejam

* Membro do grupo de pesquisa NEVAR (Núcleo de estudos variacionistas), com sede na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho e professora na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFMT).

E-mail: julianabertucci@gmail.com

** Membro do grupo de pesquisa NEVAR (Núcleo de Estudos Variacionistas), situado na Unesp, campus de Araraquara.

E-mail: talita.marine@gmail.com

essas naturais ou artificiais, concretas ou abstratas, reais ou imaginadas. Nesse contexto, a língua é um sistema de classificação, bem como um sistema de comunicação, pois é necessário que, primeiramente, identifiquemos as “coisas” de que queremos falar para depois podermos nos expressar.

Além disso, não podemos desconsiderar o caráter dinâmico e multifacetado da língua, visto que ela está em constante “fazimento”, como diria Coseriu (1979); portanto, sofre alterações e mudanças de ordem linguística que podem ocorrer em diversos níveis: fonológico, sintático, semântico, pragmático e, inclusive, lexical.

É nesse último nível linguístico que iremos focar nosso olhar neste texto, acreditando que as diversas e variadas mudanças nas tecnologias, nos costumes e nos relacionamentos de uma dada sociedade acabam por, inevitavelmente, refletir de forma direta no léxico de uma língua viva e, como tal, dinâmica. Houaiss (1990), ao refletir acerca desse caráter mutável do léxico, diz que

um dos traços fundamentais do progresso humano é a multiplicação de palavras [...]. Ao dominar a natureza, ao dominar as técnicas, ao dominar os conhecimentos, só se pode fazê-lo e transmiti-lo dando nome às coisas, dando nome às ideias, criando conceitos. Então, um dos traços fundamentais disso é que a memória do homem tem que ser amparada pela criação vocabular contínua. (HOUAISS, 1990, p. 20)

Seguindo tais ideias, por meio de um estudo descritivo-comparativo, procuraremos analisar as variações e mudanças de sentido sofridas pelo léxico de nossa amostra em dois momentos distintos da língua: 1951 e 1999. Para isso, consultamos dois dicionários: *Pequeno dicionário brasileiro de língua portuguesa* (1951) e *Novo Aurélio - século XXI* (1999).

Um dos motivos que impulsionaram a elaboração desse nosso estudo foi o fato de coadunarmos com considerações mais recentes a respeito do léxico, tal como as de Correia e Lemos (2005, p. 10), visto que consideram o léxico um “repertório de todas as unidades lexicais” de uma língua. Isso acaba por implicar uma questão essencial aos estudos lexicais: as palavras nascem, seus sentidos sofrem alterações diversas – acréscimos, decréscimos ou até mesmo mudança

de sentido –, adormecem, mas dificilmente morrem. A esse respeito, Biderman (1978) afirma que

o léxico se expande, se altera e, às vezes, se contrai. As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares: daí resulta que unidades ou setores completos do Léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer. Inversamente, porém, podem ser ressuscitados termos que voltam à circulação, geralmente com novas conotações. Enfim, novos vocábulos, ou novas significações de vocábulos já existentes, surgem para enriquecer o Léxico. (BIDERMAN, 1978, p. 139)

Logo, não podemos afirmar que os arcaísmos desaparecem de uma língua; eles apenas deixam de estar disponíveis, conscientemente, ao falante, mas continuam a fazer parte do sistema linguístico, sendo, quando necessário, reutilizados e encontrados em dicionários, especialmente, nos históricos.

Por isso, cremos na importância de destacar que “a mutabilidade linguística, ao nível do léxico, verificável à medida que signos são criados ou sofrem modificações em seus significados, é um processo inerente à língua e não uma ameaça à sua continuidade” (BARBOSA, 1998, p. 33). É justamente por isso que o estudo/pesquisa da inovação lexical é importante, pois proporciona uma visão ampla da evolução, ou seja, das variações e mudanças que ocorrem no léxico,¹ apontando os meios pelos quais novas necessidades linguísticas, de caráter expressivo, são supridas pelos falantes.

Cabe observar que, na lexicologia clássica, o estudo do léxico tem por objetivo o maior conhecimento possível das características e propriedades de cada palavra, no presente e no passado. Porém, é fundamental que levemos em consideração o fato de que o léxico apresenta um alto teor de regularidade e é um componente fundamental da organização linguística, tanto do ponto de vista semântico e gramatical, quanto do ponto de vista textual e estilístico. Logo, os diferentes processos derivacionais de mudança e extensão de classe seriam funções predeterminadas, traduzidas em estruturas morfológicas.

Não podemos ignorar também que a ampliação do léxico não se dá apenas pelos mecanismos de (re)estruturação mórfica – derivação e composição –, já que existem outros fenômenos relacionados a tal

ampliação, como, por exemplo, processos neológicos – recontextualização de palavras em circulação e incorporação de novos itens ao léxico geral – e empréstimos linguísticos (cf. BORBA, 2003). É interessante ressaltar que o que Borba (2003) denomina “recontextualização de palavras” é o mesmo que Correia e Lemos (2005) definem como “reutilização de palavras já existentes”. Segundo as autoras, esse é um dos processos mais produtivos da língua, já que “as palavras que apresentam novos significados tornam-se, deste modo, polissêmicas, constituindo a polissemia um dos factores que mais contribuem para economia dos sistemas linguísticos” (CORREIA e LEMOS, 2005, p. 47).

Por fim, cabe ressaltar que, neste artigo, analisaremos apenas os processos de ampliação lexical relacionados à recontextualização e à reutilização de palavras.

CORPUS E METODOLOGIA

A fim de procedermos a nossa análise, de caráter descritivo-comparativo, compusemos uma amostra de 50 palavras em Português do Brasil, valendo-nos do seguinte critério: todos os nomes deveriam ser de animais, predominantemente masculinos, com algumas variações de gênero, sempre que tal variação significasse alguma mudança de sentido da palavra.

Como mencionamos anteriormente, todas essas palavras foram consultadas em dois dicionários: *Pequeno dicionário brasileiro de língua portuguesa* (1951 - doravante PD) e *Novo Aurélio – século XXI* (1999 - doravante NA).

A edição do *Pequeno dicionário brasileiro de língua portuguesa* (1951) utilizada para esta pesquisa, consultada na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, foi revista e ampliada por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira e a ortografia presente no dicionário segue as instruções de organização do *Vocabulário Ortográfico da Língua Nacional*, aprovadas pela Academia Brasileira de Letras em 12 de agosto de 1943.

Já a edição do *Novo Aurélio – século XXI* (1999), versão eletrônica, em relação à sua edição anterior, foi ampliada em 25% e possui cerca de 345 mil verbetes, locuções, definições e abonações literárias.

De acordo com os responsáveis por essa nova publicação, a língua é o principal insumo de informação e comunicação, por isso o *Novo Aurélio* tentou trazer novas definições e funções (recursos da informática) que procurassem facilitar a consulta (tais como pesquisa de categorias gramaticais, pesquisas no âmbito de locuções, etimologias, alguns exemplos e abonações).

De cada uma das palavras encontradas nesses dicionários, selecionamos as definições com sentido conotativo relacionadas com atributos e ações/atitudes humanas, sendo excluídas da nossa análise suas outras definições, assim como suas expressões idiomáticas e os regionalismos.

Observe, por exemplo, seguindo esse critério de seleção adotado, quais as definições das palavras “cobra” e “burro” que analisamos:

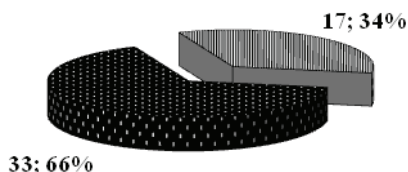
Tabela 1 - Exemplos de seleção dos dados

	PD (1951)	NA (1999)
COBRA	(Fig.) Pessoa de má índole.	(Fig.) Pessoa de má índole e/ ou de mau gênio; (Bras.) (Pop.) Pessoa perita em seu ofício ou em sua arte; cobraão.
BURRO	adj. estúpido; asnático; (Bras.) (pop.) grande; extraordinário (geralmente aplicado às coisas).	Indivíduo bronco, curto de inteligência; asno, burrego, estúpido, imbecil, jerico, jegue, jumento, orelhudo.

A VARIAÇÃO LEXICAL: ANÁLISE DOS DADOS

Depois de selecionarmos as definições conotativas, por meio da descrição e da análise comparativa das definições selecionadas dessas palavras, chegamos inicialmente aos seguintes resultados:

Gráfico 1 - Primeiros resultados da análise do *corpus*



■ palavras que sofreram algum tipo de mudança de sentido

▨ palavras que não sofreram mudança de sentido

Nesse gráfico, podemos perceber que, ao compararmos as definições encontradas no PD (1951) e no NA (1999), mais da metade do nosso *corpus*, 33 ocorrências (66%), sofreu algum tipo de mudança em sua definição conotativa. Isso demonstra a capacidade de transformação da língua, mais especificamente do léxico, que permite o surgimento ou desaparecimento de unidades ao longo do tempo.

Em seguida, analisamos essas 33 ocorrências, e procuramos subdividi-las em três grupos: (a) Grupo I: nomes que não possuíam nenhum sentido conotativo dicionarizado e passaram a ter; (b) Grupo II: nomes que possuíam um sentido conotativo dicionarizado e deixaram de ter; e (c) Grupo III: nomes que possuíam um (ou mais) sentido conotativo em ambos os dicionários e sofreram acréscimo e/ou decréscimo de definições nesse sentido. Após essa análise, obtivemos os seguintes resultados:

Tabela 2 - Palavras com mudança de sentido

	N. ocorrência (%)
Grupo I	5 (15%)
Grupo II	-
Grupo III	28 (85%)
TOTAL	33 (100%)

No Grupo I, encontramos nomes que apenas ampliaram as suas definições, tornando-se mais polissêmicos, pois as palavras que compõem esse grupo não tinham um sentido conotativo, segundo os critérios adotados por nós, e passaram a ter. Esse acréscimo de sentido conotativo ocasionou-se em virtude das necessidades de comunicação do usuário da língua portuguesa. Nesse grupo, como mostra a Tabela 3, encontramos os seguintes nomes:

Tabela 3 - Palavras do Grupo I

	PD (1951)	NA (1999)
CANÁRIO	-----	Fig. Pessoa que canta bem.
ELEFANTE	-----	Bras. Pej. Pessoa muito gorda.
GORILA	-----	Bras. Pop. Indivíduo brutalhado na aparência ou no agir; brutamontes.
MOSQUITO	-----	Bras. Fam. Pessoa baixa e de feições miúdas.
URUBU	-----	Bras. Gir. Agente funerário: “Prometo ... escrever a favor do comércio, da indústria, da agricultura, ... dos relojoeiros, dos salsicheiros, dos serralheiros, dos urubus” (Machado de Assis, Crônicas, I, p. 235-237); Bras. Pop. Pessoa vestida de preto; Bras. P. ext. Padre ou freira das ordens que vestem hábito preto.

Nessas cinco palavras, podemos perceber que o processo de inovação lexical se dá por meio de um conhecido recurso linguístico, a metáfora. Esse mecanismo, além de ser um recurso estilístico e discursivo, é um recurso de ampliação lexical cognitivo, pois permite que o falante conceptualize a realidade de acordo com a sua necessidade.

A metáfora, nesse sentido, seguindo a definição de Correia e Lemos (2005, p. 48), é um mecanismo semântico pelo qual nomeamos “uma entidade A por meio do nome da entidade B”. Para isso baseamos numa relação de semelhança entre essas entidades A e B, ou seja, tomamos por base “características que ambas entidades possuem e

que são vistas como semelhantes (a cor, a função, textura, a relação comportamental que se estabelecem com elas etc.)”.

No caso das palavras pertencentes ao Grupo I acima, temos as seguintes relações metafóricas:

CANÁRIO	→	Ave que canta bem.	→	Pessoa que canta bem.
ELEFANTE	→	Mamífero grande e pesado.	→	Pessoa muito gorda.
GORILA	→	Primata com braços longos, maiores que as pernas, com muita força física.	→	Indivíduo brutalizado na aparência ou no agir; brutamontes.
MOSQUITO	→	Inseto de porte pequeno.	→	Pessoa baixa e de feições miúdas.
URUBU	→	Ave negra que se alimenta de carnes em decomposição.	→	Agente funerário; Pessoa vestida de preto; Padre ou freira das ordens que vestem hábito preto.

Como já foi ressaltado neste trabalho, são as necessidades expressivas do falante que levam às alterações lexicais, sejam estas quais forem; no entanto, os fatores implicados nessa mutabilidade lexical vão além daqueles cuja influência está explicitamente ligada a questões sócio-históricas. O fenômeno da inovação lexical² está relacionado a diversos outros fatores cuja mola propulsora continua sendo a sociedade, o contexto social. Dentre tais fatores, podemos destacar o preconceito – em suas quase infinitas faces –, as razões histórico-políticas, as distintas relações afetivas construídas em sociedade, a ironia – manifestada linguisticamente por meio de metáforas e metonímias.

Na Tabela VI, apresentaremos algumas palavras que compõem o Grupo III com o intuito de ilustrar diferentes fatores relacionados à mutabilidade lexical:

Tabela 4 - Exemplos do Grupo III

	PD (1951)	NA (1999)
BALEIA	- s. f. Mulher gorda. - (Bras.) (pop.) objeto de grandes dimensões.	- Bras. Pop. Objeto de grandes dimensões.
GALINHA	- (fíg.) indivíduo poltrão; mulher que se entrega facilmente; - (Bras. Nordeste): indivíduo que não pode estar quieto; pessoa doente, ou acanhada, ou imprestável, ou covarde.	- Fíg. Pessoa muito volúvel, que se entrega [v. entregar (10)] com facilidade. - Fíg. Pessoa fraca, covarde ou medrosa. - Pessoa que não se contenta em ter apenas um parceiro sexual. - Bras. Pej. V. integralista (3).
VEADO	- Bras. Chulo pederasta passivo.	- Bras. Chulo Homossexual.

Como pode ser observado, as palavras acima sofreram algum tipo de mudança de sentido; no entanto, podemos verificar diferentes fatores implicados nessas mudanças. No caso da palavra “baleia”, notamos que um dos seus sentidos – “mulher gorda” – marcado por um explícito preconceito em relação à mulher, deixou de ser dicionarizado no NA, em 1999. Esse exemplo é muito interessante porque ilustra de forma bastante clara as pressões e imposições de caráter social impostas à mulher no decorrer do século XX, cujo padrão de beleza está associado à mulher magra. “Baleia”, por associação analógica às grandes dimensões do animal, mostra-se dicionarizada na forma de uma metáfora em 1951, referindo-se apenas à mulher gorda, e não a uma pessoa gorda.

Já em 1999, o nome deixa de ser dicionarizado, denunciando as diversas mudanças sociais sofridas em nossa sociedade no que diz respeito à mulher, visto que é notório o fato de a mulher ter deixado de ser uma mera peça figurativa na sociedade moderna. A conquista de espaço da mulher no decorrer dos últimos anos, nos mais diversos setores do cenário social, acabou por diminuir, pelo menos, de forma tão explícita como ocorria há alguns anos, o preconceito por ela sofrido por parte de uma sociedade até pouco tempo patriarcal e severamente machista. Vale ressaltar que o não emprego do sentido “mulher gorda” em “baleia” não significa que tal sentido caiu em desuso, mas sim que o preconceito embutido nessa definição já não é mais, teoricamente, aceito e, portanto, não se mostra dicionarizado.

Um sentido semelhante pode ser verificado na palavra “elefante” – Grupo I –, já apresentada neste trabalho. Esse nome não possuía nenhum sentido conotativo dicionarizado no PD e passou a ter no NA: “pessoa muito gorda”. Todavia, como podemos observar neste exemplo, o atributo “muito gorda” está relacionado à pessoa e não exclusivamente à mulher, tal como no caso da palavra “baleia”. Essa generalização no sentido conotativo verificada na palavra “elefante” vem confirmar as mudanças relativas à mulher ocorridas em nossa sociedade, nos últimos anos, em que, pelo menos do ponto de vista teórico e político, tal preconceito não é mais tolerado. É interessante destacar que no caso da palavra “elefante”, o sentido “pessoa muito gorda”, embora não armazene em si um preconceito de gênero, carrega em sua definição um outro tipo preconceito: aquele em relação às pessoas consideradas gordas.

Na palavra “galinha”, podemos observar várias questões interessantes envolvidas na mudança de sentido sofrida nessa palavra. Nesse caso, tal como ocorreu com o nome “baleia”, houve uma queda na dicionarização do PD (1951) para o NA (1999), de uma das definições declaradamente preconceituosa: “mulher que se entrega facilmente”. Porém, diferentemente do que ocorreu com a palavra “baleia”, em “galinha” o sentido figurado relacionado à promiscuidade feminina encontrado no PD é mantido no NA, porém de forma generalizante e, portanto, não mais sectária. De “mulher que se entrega facilmente” no PD, passamos a “pessoa muito volúvel, que se entrega com facilidade” e, por extensão desse sentido, provavelmente é que surge a outra definição “pessoa que não se contenta em ter apenas um parceiro sexual”, no NA.

Um outro aspecto interessante envolvido na mutabilidade de sentido do nome “galinha” diz respeito a uma definição que deixou de ser produtiva apenas em uma região do Brasil, passando a ter repercussão nacional. A definição no PD para “galinha”, como “indivíduo que não pode estar quieto; pessoa doente, ou acanhada, ou imprestável, ou covarde”, corrente no nordeste do Brasil, é parcialmente³ preservada no NA – “pessoa fraca, covarde ou medrosa” –, porém não mais como um regionalismo, mas sim como uma definição de uso nacional.

Já a incorporação da definição “integralista” ao termo “galinha” no NA, entendida de forma pejorativa e com abrangência nacional, tal como está descrito no referido dicionário, está relacionada a questões de

ordem histórico-política e, o seu sentido, provavelmente, foi construído a partir de um dos que já se mostrava produtivo no PD.

Para compreendermos bem esse novo sentido atribuído à palavra “galinha”, faz-se necessário o estabelecimento de alguns resgates históricos relacionados com o Brasil do século XX, a saber: o Integralismo foi fundado em outubro de 1932 e se caracteriza por ser uma corrente política conservadora, tradicionalista e nacionalista da Direita. De acordo com essa corrente política, uma sociedade, diferentemente do que propunha o Comunismo, só poderia funcionar com ordem, ou seja, por meio de uma hierarquia social, com harmonia e união. Era uma corrente política que favorecia, suportava e procurava apoio nas classes elitistas como, por exemplo, na Igreja e na alta burguesia. Muitos integralistas acreditavam ainda que a Igreja era a argamassa que mantinha a Nação unida.

Como podemos observar, o Integralismo era um movimento político conservador e, portanto, completamente avesso às novas ideias propostas pelo Comunismo; é justamente desse fato que, provavelmente, surge a definição “integralista” para a palavra “galinha”. “Galinha”, tanto no PD quanto no NA, tem como significado “pessoa covarde, medrosa”. Assim, partindo desse sentido, o nome “galinha” deve ter surgido para fazer referência aos integralistas de modo pejorativo, porque eles eram considerados covardes pelos comunistas, já que não aceitavam nem promoviam as “novas ideias”.

Por fim, em “veado”, podemos perceber que o sentido dado ao nome é mantido no NA, porém de uma forma mais ampla, mais generalizada, visto que já não designa apenas a relação homossexual de um homem com um outro mais jovem (pederastia), mas sim toda e qualquer relação homossexual. Cabe observar que, nos dois dicionários, há a descrição de que esse é um uso chulo da palavra “veado”, mas mesmo assim, tal definição mostra-se produtiva, uma vez que além de continuar dicionarizada por cerca 50 anos, aparece no NA com uma ampliação de seu sentido em relação ao PD.

Em outras duas palavras, “leão” e “camelo”, do Grupo III, também pudemos encontrar definições distintas nos dicionários de 1951 e 1999, as quais estavam relacionadas com o contexto histórico-político do usuário, assim como ocorreu com a última definição da palavra “galinha”. Observe a Tabela 5:

Tabela 5 - Definições analisadas: camelo e leão

	PD (1951)	NA (1999)
CAMELO	(Fig.) Homem estúpido; (Bras.) <u>membro do partido conservador, no Império, segundo os republicanos de Piratinim, no RS; partidário do grupo infenso à decretação da maioria de Pedro II.*</u>	Fig. Homem sem inteligência, burro, estúpido, idiota, camelório.
LEÃO	Fig. Homem valente; Fig. Celebridade da moda; Fig. Conquistador de mulheres.	Fig. Homem valente, corajoso; Fig. Homem de mau gênio, áspero, intratável; Fig. Homem célebre, alvo de todas as atenções: “era sem dúvida um dos príncipes da moda, um dos leões da Rua do Ouvidor” (José de Alencar, <i>A pata da gazela</i> , p. 164); Fig. Grande conquistador de mulheres; Bras. Irôn. <u>Órgão arrecadador do imposto de renda.*</u>

* Grifo nosso.

Uma definição da palavra “camelo” que aparece no PD (1951) está inserida em um período histórico específico do Brasil, o período regencial. Nesse período, em virtude da abdicação de D. Pedro I, em 7 de abril de 1831, o Brasil passava por grandes agitações políticas e sociais. Nesse contexto, inicia-se a disputa política entre progressistas (Feijó) e regressistas (Araújo Lima), que resultaria posteriormente no Partido Liberal (a favor da maioria de D. Pedro II) e no Partido Conservador (contra a maioria). Diante dessas crises vividas pelo regime regencial, e visando conter as agitações e o perigo da fragmentação territorial, a antecipação da maioria de D. Pedro de Alcântara começou a ser cogitada. Levada à apreciação da Câmara, a questão foi aprovada em junho de 1840. Assim, com 15 anos incompletos, D. Pedro de Alcântara foi nomeado imperador, com o título de D. Pedro II. Como se pode verificar, o nome “camelo”, com sentido “membro do partido conservador”, só pode ser entendido dentro desse específico contexto histórico.

Além disso, observamos também que essa definição de “camelo” não consta no NA. Acreditamos que isso seja fruto, como vimos anteriormente, das mudanças histórico-políticas que influenciam nas alterações lexicais, ocasionando, algumas vezes, o desuso de certos

sentidos de uma palavra. Provavelmente foi isso o que ocorreu com essa definição. O NA, ao ser elaborado, desconsiderou o uso de “camelo” com esse sentido por não ser mais corrente na língua.

O contrário aconteceu com a palavra “leão”, como podemos observar na Tabela 5, que no NA (1999) “ganha” mais um sentido conotativo: “órgão arrecadador do imposto de renda”. Essa nova definição está relacionada com o contexto histórico-econômico atual. Para o surgimento do Imposto de Renda no mundo não há um período exato de registro; de toda forma, alguns estudiosos afirmam que, em Roma e Atenas, já havia o Imposto de Renda. No Brasil, segundo Lenke (1998), no período colonial, já havia um imposto desse gênero, porém, o Imposto Geral sobre a Renda foi instituído no Brasil, em 1922, por meio da Lei n. 4.625 de 31/12/22, “lei de orçamento”, sendo que o lançamento e a arrecadação do novo tributo começariam em 1924. Junto com a implementação desse imposto, surgiu o órgão responsável por essa arrecadação, o “leão”. Como os impostos, no Brasil, sempre foram elevados, o usuário da língua fez associações entre alguns traços semânticos do animal (leão) e o órgão arrecadador do Imposto de Renda. Assim, o fato de essa definição ainda não constar no PD (1951) e estar dicionarizada no NA (1999) mostra-nos que esse sentido atribuído à palavra “leão” passou a ser utilizado com mais frequência nos últimos anos, manifestando-se até mesmo na língua escrita.

PALAVRAS FINAIS

“[...] a linguagem não se dirige somente à razão: ela quer comover, ela quer persuadir, ela quer agradar”. (BRÉAL, 1992, p. 185)

Os resultados de nosso estudo vieram confirmar dois princípios praticamente consensuais relacionados à língua: sua realidade é dinâmica e, portanto, heterogênea e multifacetada; e o fenômeno polissêmico é um dos fatores que mais contribuem para a economia dos sistemas linguísticos, já que uma mesma palavra pode “ressurgir” na língua com um novo sentido ou, simplesmente, resgatar um sentido que estava adormecido – em desuso – e que, por algum motivo, é requisitado na língua pelos falantes e passa a ser usada novamente.

Como já afirmava Vendryes (1943, p. 256), “o vocabulário jamais está pronto, porque depende das circunstâncias” e, por isso, o homem, ao mesmo tempo em que é o grande patrocinador do dinamismo lexical, visto que as “inovações” do léxico só são produzidas a partir das necessidades expressivas do falante, é também seu eterno subjugado, já que é obrigado a aprender – e a apreender – o léxico de sua língua até o final de sua vida.

Assim, concluímos este trabalho em concordância com uma afirmação de Preti (1998, p. 119): os “vocábulo que surgem e desaparecem, num processo contínuo e natural de neologia e obsolescência, são o reflexo mais perfeito das mudanças sociais”.

LEXICAL VARIATION AND CHANGE IN THE XX CENTURY BRAZILIAN PORTUGUESE:
A DESCRIPTIVE-COMPARATIVE STUDY

ABSTRACT

In this article, we analyze only the processes of lexical expansion related to the reuse and recontextualization of words. We selected 50 names of animals in Brazilian Portuguese (PB). These words were found in two dictionaries and only the definitions connoting human actions and attributes were used. Through this study linguistic principles that are practically consensual were confirmed. We highlight the polissemic phenomenon as one of the factors that most contribute to the economy of the linguistic system.

KEY WORDS: Lexical, variation and change linguistic, polissemic.

NOTAS

- 1 Tal como este é tradicionalmente definido, ou seja, como o conjunto de palavras de uma língua (cf. Borba, 2003 e Basilio, 2004).
- 2 Cabe observar que a inovação lexical não ocorre exclusivamente por meio da criação de novas palavras, visto que palavras que estavam em desuso numa dada época podem ser resgatadas pelo falante, mesmo que de modo inconsciente, e lançadas novamente à sociedade com o sentido de outrora ou com um novo sentido.
- 3 Visto que a definição “indivíduo que não pode estar quieto” não está dicionarizada em 1999, no NA.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, M. A. Da neologia à neologia na literatura. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande: UFMS, 1998.
- BARROSO, G.; LIMA, H. *Pequeno dicionário brasileiro de língua portuguesa*. 9. ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1951. (Edição revista por Ferreira, A. B. H.).
- BASILIO, M. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.
- BIDERMAN, M. T. C. *Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: LTC, 1978.
- BORBA, F. S. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: Ed. Unesp, 2003.
- BRÉAL, M. O que chamamos pureza da língua? In: *Ensaio de semântica*. Coord. e rev. técnica da trad. Eduardo Guimarães. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.
- CORREIA, M.; LEMOS, L. S. P. *Inovação lexical em português*. Lisboa: Colibri, 2005.
- COSERIU, E. *Sincronia, diacronia e história*. Rio de Janeiro: Universidade de São Paulo, 1979.
- FERREIRA, A. B. H. *Novo Aurélio – século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- HOUAISS, A. Línguas e a língua portuguesa. In: BARBOSA, Francisco de Assis (dir. e coord. edit.). *Revista do Brasil*. Rio de Janeiro: Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro; Rio Arte/Fundação Rio, 12:14-41, 12. 1990.
- LENKE, G. *Imposto de Renda*. São Paulo: Dialética, 1998.
- PEREIRA, E. C. *Gramática histórica*. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1932.
- PRETI, D. A gíria na sociedade contemporânea. In: VALENTE, André Crim (Org.). *Língua, linguística e literatura*. Rio de Janeiro: UERJ: 1998.
- VENDRYES, J. *El lenguaje: introducción lingüística a la historia*. Tradução de Manuel de Montoliu; José M. Casas. Barcelona: Cervantes, 1943.